

Tradução de “A religião do Sol” de Octavio Paz

Tradução de Rodrigo Conçole Lage¹

O artigo “A religião do Sol” foi publicado por Octavio Paz, prêmio Nobel de Literatura de 1990, no jornal *El País* (em “Tribuna: un escritor terrestre / y 2”)², no dia 13 de maio de 1991. É o segundo de dois artigos sobre o escritor³.

A religião do Sol

Octavio Paz

Há poucos dias, folheando uma antologia recente da *La Nouvelle Revue Française*⁴, encontrei alguns comentários e notas que mostram a repercussão que teve *Lady Chatterley's lover*⁵ por volta de 1930. Embora a França tenha uma rica tradição de obras eróticas, o interesse pelo livro de Lawrence não é inexplicável: o romancista inglês mostrou o outro lado do erotismo, sua antiga face religiosa e pânica, quase sempre ignorada pelos escritores franceses. Para a tradição francesa o sexo é, principalmente, o prazer, e a gama de prazeres é quase infinita. Em um de seus extremos avizinha-se a crueldade, sofrimento e morte (“o prazer único e supremo de amor”, diz Baudelaire, “reside na certeza de fazer o mal”); no outro, com o riso, a moda íntima e *badinage*⁶. Os prazeres eróticos são vistos na França como infrações, desvios ou rupturas da ordem. Portanto, não é estranho que a palavra lascívia, de origem francesa, tenha estado associada primeiro a filosofia e a liberdade de opiniões. No final do século XVII, um filósofo libertino era um incrédulo, e a casta madame de Sévigné se chamava a si mesma “libertina” por algumas de suas inocentes opiniões, pouco convencionais. Para a tradição

¹Graduado em História (UNIFESJ). Especialista em História Militar (UNISUL).

E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br.

² O artigo “A religião do Sol” foi publicado por Octavio Paz, prêmio Nobel de Literatura de 1990, no jornal *El País* (em “Tribuna: un escritor terrestre / y 2”)², no dia 13 de maio de 1991. Disponível em <http://elpais.com/diario/1991/03/13/cultura/668818808_850215.html>. Acesso em: 30 mar. 2019.

³ O primeiro, publicado no dia 12 de março de 1991, em “Tribuna: un escritor terrestre / 1”, é o “Los amantes de lady Chatterley”. Disponível em:

http://elpais.com/diario/1991/03/12/cultura/668732405_850215.html Acesso em: 30 mar. 2019.

⁴ Revista literária fundada em 1908, por um grupo de intelectuais franceses.

⁵ Romance escrito por D. H. Lawrence em 1928, ver nota 7.

⁶ Em inglês no original. Tem o sentido de “pilhéria, gracejo”.

francesa, o erotismo se confunde com a liberdade do indivíduo e suas paixões; para Lawrence, o impulso sexual é impessoal: nos liberta dos preconceitos e das regras sociais somente para nos fazer regressar a totalidade maior, anônima, do princípio. Na visão de Lawrence, o sexo não aparece nem como prazer nem como uma visão libertária, mas como religião. Sua prática, longe de ser um jogo, é um ritual. Nos romances de Sade, os falos, as vulvas e outros órgãos sexuais filosofam sem cessar; por isso estamos mais interessados em suas opiniões do que em suas descrições. Lawrence não pensa, nem filosofa: é um inspirado que nos transmite uma revelação. Em muitos poucos escritores o sentimento do mundo natural – árvores, flores, pedras, lagartos, éguas, cobras – é tão intenso e profundo como no romancista inglês. Eu devo apenas salientar que essa intensidade e profundidade são o resultado da comunhão sexual com o cosmos. Seus heróis e heroínas não buscam o prazer, mas sim a comunhão.

Abertamente Sexual

É natural que uma obra tão abertamente sexual e tão religiosamente carnal, despojada quase que em absoluto de perversões e de sadismo (o contrário de Proust), surpreendesse a vários e notáveis escritores franceses. Um deles foi o filósofo católico Gabriel Marcel, introdutor do existencialismo na França. Em 1929, pouco depois da aparição do *Lady Chatterley's lover*, publicou no número de maio da *La Nouvelle Revue Française* uma nota que, todavia, pode ler-se com proveito. Marcel começa por confessar que o romance de Lawrence lhe parece pornográfico, porém acrescenta imediatamente que é uma pornografia nutrida nas mesmas fontes da vida. Destaca com acerto o sentimento de pacífica sexualidade ("détente phallique⁷") que se desprende das melhores páginas do romance. Um sentimento, anoto a margem, que não é menos religioso que o "sentimento oceânico" de Freud. Apesar de sua crueza, disse Marcel, este romance é um livro ingênuo. Eu teria preferido que houvesse escrito: um livro inocente. Porque o é, tal como foi inocente o primeiro dia do mundo. O artigo de Marcel – um dos primeiros que se escreveram na França sobre Lawrence – foi uma consagração entusiasta, apesar das cautelas do filósofo. Três anos depois, André Malraux publicou, na mesma *Nouvelle Revue Française* (janeiro de 1932), um pequeno e deslumbrante ensaio sobre *Lady Chatterley*. Acredito que seja um dos melhores que tenho lido acerca desse romance e do próprio Lawrence. Nova prova da excelência de Malraux, hoje ignorado pelos apressados e os

⁷ Em francês no original. Literalmente, "relaxamento fâlico".

tolos. Este pequeno ensaio me leva a crer que tenha sido tão notável na crítica literária como foi na crítica de arte e no romance. Em umas poucas páginas faz uma análise veloz, brilhante e salpicada de observações agudas que abrem imprevistas perspectivas, contudo esperando ser exploradas. Por exemplo: "No séc. XVIII, os homens de raça branca descobrem que uma ideia pode ser mais excitante que um formoso corpo". Reflexão certa, ainda que, lida em 1990, requer um duplo ajuste: hoje não só as ideias nos excitam muito menos que em 1930, mas também a força magnética⁸ dos corpos têm diminuído. As ideias têm perdido sua atração e os corpos seu mistério. A gratificação instantânea não só prejudica o desejo, mas também frustra um dos gozos mais certos do amor sexual: o mútuo descobrimento que o casal faz de seus corpos. Nossas sociedades têm substituído o desejo pela higiene, a liberdade pela promiscuidade.

Malraux compreendeu imediatamente tudo o que opunha Lawrence ao erotismo moderno: o poeta inglês não via o erotismo como uma expressão do indivíduo, mas concebe o indivíduo, o homem e a mulher, como oficiantes de uma sexualidade cósmica. Lawrence nos propõe, ele afirma, um mito. Porém um mito, acrescenta com certo ceticismo, "não socorre a razão, mas sim à cumplicidade de nossos desejos e experiências".

Muito taxativo

Parece-me que o julgamento de Malraux é muito taxativo e não toca o ponto essencial. Certamente, o ar frio deste final de século tem dissipado muitos sonhos e o que restou do mito de Lawrence são dois ou três romances e um punhado de poemas. Mas, realmente Lawrence nos propôs um mito? Não foi, nem quis ser, senão um escritor de obras da imaginação, um poeta-romancista. Ao mesmo tempo, pensou que a grande literatura era uma visão do homem e que essa visão não era uma fantasia nem uma ficção, mas uma revelação do homem escondido que é cada homem. Essa visão, transformada em uma palavra sensível, quer dizer, em forma: pão do conhecimento, poderia ser compreendida e revivida por cada leitor. Sua ideia de literatura não era uma ideia religiosa; por isso opunha à noção moderna de comunicação a do sacramento: a literatura como comunhão. As raízes da inspiração literária de Lawrence são as do mito, mas suas obras não são mitos: são romances, poemas, contos, ensaios. São escritos profundamente pessoais, ao contrário dos mitos, que são invenções impessoais e involuntárias. Os mitos

⁸ Possível associação entre a força magnética dos corpos e a atração sexual presente no tantrismo e em outras correntes de pensamento.

surtem numa comunidade de maneira anônima, imprevista e sem que nada os proponha. São criações orais, e não são escritas senão quando o antropólogo os recolhe. Se os mitos fossem escritos, se escreveriam sozinhos. Ainda que a obra de Lawrence não seja um mito, um mito a inspira: a da busca da inocência original, o retorno às origens e ao grande pacto com as bestas, as plantas, os elementos, o sol, a lua, os astros. Apesar de suas fraquezas e repetições, de seus excessos verbais e do seu humor arbitrário, Lawrence foi um poeta-sacerdote da religião mais antiga do mundo. Foi consagrado sacerdote dessa religião não pelo conclave desta ou daquela igreja, mas por mandato do sol. Sua religião foi a do começo, um começo que não é cronológico, nem é o dos antropólogos que estudam as sociedades primitivas: é o recomeço diário, esse primeiro dia que, a cada dia, os amantes inventam. Um começo sem datas.

La religión del Sol

Octavio Paz

Hace unos días, hojeando una reciente antología de la *Nouvelle Revue Française*, me encontré con algunos comentarios y notas que muestran la resonancia que tuvo *Lady Chatterleys*⁹ (sic) *lover* hacia 1930. A pesar de que Francia cuenta con una rica tradición de obras eróticas, el interés por el libro de Lawrence no es inexplicable: el novelista inglés mostraba el otro aspecto del erotismo, su antigua cara religiosa y pánica, ignorada casi siempre por los escritores franceses. Para la tradición francesa el sexo es, sobre todo, placer, y la gama del placer es casi infinita. En uno de sus extremos colinda con la crueldad, el sufrimiento y la muerte ("el placer único y supremo de amor", dice Baudelaire, "reside en la certeza de hacer el mal"); en el otro, con la risa, la ropa íntima y el badinage. Los placeres eróticos son vistos en Francia como infracciones, desviaciones o rupturas del orden. Por esto no es extraño que la palabra libertinaje, de origen francés, haya estado asociada primero a la filosofía y a la libertad de las opiniones. A fines del siglo XVII, un filósofo libertino era un incrédulo, y la casta madame de Sevigné se llamaba a sí misma "libertina" por algunas de sus inocentes opiniones, poco convencionales. Para la tradición francesa, el erotismo se confunde con la libertad del individuo y sus pasiones; para

⁹ Não foi possível examinar o texto impresso para descobrir se o erro no título do livro, corrigido na tradução, mas mantido tal como está na internet, e que não se repete no próximo parágrafo, está presente no jornal impresso ou se ocorreu apenas na transcrição do texto para a internet.

Lawrence, el impulso sexual es impersonal: nos libera de los prejuicios y las reglas sociales sólo para hacernos regresar al gran todo anónimo del principio. En la visión de Lawrence, el sexo no aparece ni como placer ni como opinión libertaria, sino como religión. Su práctica, lejos de ser un juego, es un ritual. En las novelas de Sade, los falos, las vulvas y los otros órganos sexuales filosofan sin cesar; por esto nos interesan más sus opiniones que sus descripciones. Lawrence no razona ni filosofa: es un inspirado que nos transmite una revelación. En muy pocos escritores el sentimiento del mundo natural - árboles, flores, piedras, lagartos, yeguas, culebras- es tan intenso y profundo como en el novelista inglés. Apenas si debo señalar que esa intensidad y esa hondura son el resultado de una comunión sexual con el cosmos. Sus héroes y heroínas no buscan el placer, sino la comunión.

Abiertamente sexual

Es natural que una obra tan abiertamente sexual y tan religiosamente carnal, despojada casi en absoluto de perversiones y de sadismo (lo contrario de Proust), sorprendiese a varios y notables escritores franceses. Uno de ellos fue el filósofo católico Gabriel Marcel, introductor del existencialismo en Francia. En 1929, casi al otro día de la aparición de *Lady Chatterley's lover*, publicó en el número de mayo de la *Nouvelle Revue Française* una nota que todavía puede leerse con provecho. Marcel comienza por confesar que la novela de Lawrence le parece pornográfica, pero agrega inmediatamente que es una pornografía nutrida en las fuentes mismas de la vida. Subraya con acierto el sentimiento de pacífica sexualidad ("détente phallique") que se desprende de las mejores páginas de la novela. Un sentimiento, anoto al margen, que no es menos religioso que el "sentimiento oceánico"¹⁰ de Freud. A pesar de su crudeza, dice Marcel, esta novela es un libro ingenuo. Yo habría preferido que hubiese escrito: un libro inocente. Porque lo es, como es inocente el primer día del mundo. El artículo de Marcel – uno de los primeros que se escribieron en Francia sobre Lawrence – fue una consagración entusiasta, a pesar de las cautelas del filósofo. Tres años después, André Malraux publicó, en la misma *Nouvelle Revue Française* (enero de 1932), un breve y deslumbrante ensayo sobre *Lady Chatterley*. Creo que es uno de los mejores que he leído acerca de esa novela y del mismo Lawrence. Nueva prueba de la excelencia de Malraux, hoy ignorado por los apresurados y los necios. Este pequeño ensayo hace pensar que hubiera sido tan notable en la crítica literaria como lo es

¹⁰ Conceito freudiano, apresentado em *O Mal-estar da Civilização*, que representa uma sensação de eternidade, de ligação com o universo, que seria a origem das religiões e algo inerente ao ser humano.

en la crítica de arte y en la novela. En unas cuantas páginas hace un análisis veloz, brillante y salpicado de observaciones agudas que abren imprevistas perspectivas, todavía en espera de ser exploradas. Por ejemplo: "En el siglo XVIII, los hombres de raza blanca descubren que una idea puede ser más excitante que un cuerpo hermoso". Reflexión certera, aunque, leída en 1990, requiere un doble ajuste: hoy no sólo las ideas nos excitan mucho menos que en 1930, sino que también ha disminuido la potencia magnética de los cuerpos. Las ideas han perdido su atracción y los cuerpos su misterio. La gratificación instantánea no sólo daña al deseo, sino que frustra uno de los goces más ciertos del amor sexual: el mutuo descubrimiento que hace la pareja de sus cuerpos. Nuestras sociedades han sustituido al deseo por la higiene, a la libertad por la promiscuidad.

Malraux comprendió inmediatamente todo lo que oponía Lawrence al erotismo moderno: el poeta inglés no ve al erotismo como un expresión del individuo, sino que concibe al individuo, al hombre y a la mujer, como oficiantes de una sexualidad cósmica. Lawrence nos propone, dice, un mito. Pero un mito, añade con cierto escepticismo, "no acude a la razón, sino a la complicidad de nuestros deseos y experiencias".

Demasiado tajante

Me parece que el juicio de Malraux es demasiado tajante y no toca el punto esencial. Ciertamente, el aire frío de este final de siglo ha disipado muchos sueños y lo que ha quedado del mito de Lawrence son dos o tres novelas y un puñado de poemas. Pero ¿Lawrence nos propuso realmente un mito? No fue ni quiso ser sino un escritor de obras de imaginación, un poeta-novelistas. Al mismo tiempo, pensó que la gran literatura era una visión del hombre y que esa visión no era una fantasía ni una ficción, sino una revelación del hombre escondido que es cada hombre. Esa visión, transformada en palabra sensible, es decir, en forma: pan del entendimiento, podía ser comprendida y revivida por cada lector. Su idea de la literatura no era una idea religiosa; por esto oponía a la noción moderna de comunicación la de sacramento: la literatura como comunión. Las raíces de la inspiración literaria de Lawrence son las del mito, pero sus obras no son mitos: son novelas, poemas, relatos, ensayos. Son escritos profundamente personales, a la inversa de los mitos, que son invenciones impersonales e involuntarias. Los mitos surgen en una comunidad de manera anónima, imprevista y sin que nadie se lo proponga. Son creaciones orales, y no se escriben sino cuando el antropólogo los recoge. Si los mitos se escribiesen, se escribirían solos. Aunque la obra de Lawrence no es un mito, la inspira un mito: el de la búsqueda de

la inocencia primordial, el regreso al origen y al gran pacto con las bestias, las plantas, los elementos, el sol, la luna, los astros. A pesar de sus flaquezas y repeticiones, de sus excesos verbales y de su humor arbitrario, Lawrence fue un poeta-sacerdote de la religión más antigua del mundo. Fue consagrado sacerdote de esa religión no por su cónclave de esta o aquella iglesia, sino por mandato del sol. Su religión fue la del comienzo, un comienzo que no es cronológico ni es el de los antropólogos que estudian a las sociedades primitivas: es el diario comienzo, ese primer día que, cada día, inventan los amantes. Un comienzo sin fechas.